

O relançamento dos cartéis*

*Ondina Maria Rodrigues Machado***

Lacan e o grupo

Lacan sempre se preocupou com o modo de associação praticado nas instituições de psicanálise; percebeu e denunciou sua similitude àquela do Exército e da Igreja, que Freud descreveu para pensar os grupos segundo a noção de massa. Esta noção implica o favorecimento de identificações imaginárias, com a exaltação do líder – “executivo internacional” – e a manutenção de privilégios¹. Embora Lacan não fosse contrário a formação de grupos, buscava um modo de agrupar que não seguisse a lógica da massa. Encontramos essa preocupação desde seus primeiros trabalhos: “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada” (1945), “Formulações sobre a causalidade psíquica” (1946), “A Psiquiatria inglesa e a guerra” (1947), “A agressividade em psicanálise” (1948) e “Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia” (1950).

No texto de 1945, Lacan propõe um modo de relação entre uns e outros regidos por uma lógica coletiva. Em “A Psiquiatria inglesa e a guerra”, relata um breve período de estudos nesse país, em que manteve contato com os grupos sem líder de Bion e Rickmann. Mostra-se encantado com o trabalho desses autores o qual considera como uma “inovação no método” que “marcará época na história da psiquiatria”. Segundo Eric Laurent, esses grupos serviram de base para Lacan propor os cartéis².

Contudo, apenas em 1964, na “Ata de Fundação” da EFP, Lacan propõe os cartéis como uma forma de trabalhar em pequenos grupos, cuja lógica se diferencia, em muito, daquela que orienta a massa. Cabe notar que a implantação dos cartéis não foi fácil; proposto em 1964, muito poucos o haviam experimentado em 1975 nas Jornadas de Cartéis da EFP.

* Trabalho apresentado na 1ª. Noite de Cartéis da Diretoria da EBP-Rio, cujo objetivo é relançar o cartel como forma de trabalho, pensar seu poder agalmático na atualidade, e investigar a maneira de provocar a elaboração em cartel.

** Analista praticante – AP. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

¹ LACAN, J. (1967) “Proposição de 9 de outubro de 1967”. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p. 262.

² LAURENT, E. “Lo real y el grupo”. In: CUCAGNA, A. (comp.) Ecos y matices en psicoanálisis aplicado. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2005.

Massa e lógica coletiva

A massa tem como referência o ideal enquanto herança do pai em posição de exceção. A identificação ao ideal se dá, no sentido vertical, a “um só e mesmo objeto”, possibilitando que os componentes da massa “se identifiquem uns com os outros”. Já no sentido horizontal, cria-se a ilusão narcísica da qual os sujeitos não podem escapar sem que haja rompimento com o grupo e a conseqüente segregação do elemento dissidente³. A ilusão narcísica tem a mesma força do supereu, transformando-se em uma lei impiedosa que não se harmoniza com o desejo, acabando, inclusive, por mortificá-lo⁴.

Segundo Miller, no cartel não há uma exceção, mas uma série de exceções, de (S1s) agrupados pela lógica do não-todo, quer dizer, uma lógica do tipo inconsistente⁵. Esta lógica não consiste em torno de uma exceção, de um S1 como significante da falta no Outro, $\$ (A)$, e sim, em torno da falta de significante no Outro, $S(A)$, lugar no qual poderá advir o S1 de cada um. Na massa, o ideal pretende acabar com a falta própria à estrutura, já no cartel a falta é considerada, opera-se com ela. Se não há furo no saber, não há lugar para o singular, mas se há furo, cada um pode colocar algo de si, pode falar em nome próprio. Em “O tempo lógico”, Lacan dizia que basta aparecer “no termo lógico dos ‘outros’ a menor disparidade para que se evidencie o quanto a verdade depende, para todos, do rigor de cada um”, como também que “a verdade, sendo atingida apenas por uns, pode gerar, senão confirmar, o erro nos outros”. Ele acrescenta ainda que “nessa corrida para a verdade, é apenas sozinho, não sendo todos, que se atinge o verdadeiro; ninguém o atinge, no entanto, a não ser através dos outros”⁶. Portanto, a massa encontra-se na vertente do todo, em que há um ponto ideal ao qual todos se identificam para criar o coletivo como igualdade. Já a lógica coletiva situa-se na vertente do não-todo, embora

³ FREUD, S. (1921) “Psicologia de grupo e a Análise do ego”. Obras Completas, ESB, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 147.

⁴ BARCELONA 98, Primeiro Congresso da AMP: relatório das Escolas. A função do pequeno grupo na lógica da psicanálise. EBP, 1998, p. 258.

⁵ MILLER, J-A. (1994) “Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada”. In: JIMENEZ, S.(org). O Cartel: conceito, e funcionamento na Escola de Lacan. Rio de Janeiro: Campus.

⁶ LACAN, J. (1945) “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada”. In: Escritos. Jorge Zahar Editor, 1998, p. 212.

exista também um ponto de identificação, pois sem identificação não há grupo. Esse ponto indica o impossível da relação sexual.

Em a “Nota Italiana” (1973), Lacan conclama os analistas a levarem em conta o real, definindo-o como “aquilo que se destaca de nossa experiência do saber”, posto que o real não se inclui inteiramente nessa experiência. Mas Lacan nos adverte que isso não basta, pois há em nós “o clamor de uma pretensa humanidade”, um clamor que aspira constituir uma humanidade, uma igualdade⁷. Segundo os humanistas, isso ocorreria se renunciássemos a nossos desejos mais íntimos. Lacan mostra a dificuldade inerente a essa proposta, em que mesmo clamando pela “humanidade/unidade/fraternidade”, não a desejamos, visto que ela implica um saber que não se deseja: o horror à castração. A psicanálise circunscreve o inumano próprio ao humano, o outro lado da humanidade, sendo, o psicanalista, o “rebotalho da humanidade”⁸. Há sempre uma tensão entre fazer parte da humanidade e preservar o inumano que há em nós, ou seja, fazer parte da humanidade entendendo que há nela o inumano – violência social, terrorismo.

Diferente da lógica da massa, na qual o coletivo se faz pela união, semelhança e homogeneidade – frutos do ideal – temos na lógica coletiva o laço, a coletividade, mas também seu resto: o horror de cada um. Em outras palavras, é o horror de cada um que faz obstáculo à unidade porque não é coletivizável. Nos grupos em que o não-coletivizável não faz parte do cálculo, ele retorna nas disputas mais sórdidas e mesquinhas, nas dissidências orientadas por motivos pessoais, no poder pelo poder, enfim, o que já conhecemos.

Portanto, a tensão entre um chamado à humanidade e a preservação do singular, caracterizada tanto em “O tempo lógico” (1945) quanto na “Nota Italiana” (1973), nos mostra que não somos sem os outros. O cartel é esse modo não sem os outros de formar um coletivo no qual o furo do não-saber se revela na relação infernal com os outros.

O cartel é um dispositivo pensado para a Escola de Lacan, do qual podemos deduzir dois aspectos: o primeiro, sua ligação à idéia de formação permanente, em que o saber teórico se traduz no saber-fazer com o real na clínica, e o segundo, a suposição de um laço

⁷ LACAN, J. (1973) “Nota Italiana”. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p. 312.

⁸ Idem, ibidem, p. 313.

institucional novo, um laço que considere o $S(A)$. Do mesmo modo que a formação implica o conhecido tripé, análise, supervisão e estudo teórico, o cartel pensado por Lacan é exequível apenas com esse tripé em ação. Lacan não confiava muito em nós, mas confiava no dispositivo: é por isso que o cartel sobrevive.

O Cartel

Tomaremos então as características do cartel para pensá-lo hoje, na nossa Escola. São elas: $X+1$; permutação/tempo limitado; e produção. Começemos pelo mais simples, o tempo limitado e a permutação. Lacan propõe a permutação do mais-um e o tempo máximo de dois anos para o cartel. Nós trabalhamos com a coincidência desses tempos, isto é, o mais-um dura o mesmo tempo do cartel. Encontramos a proposta de permutação do mais-um na “Ata de Fundação” da EFP, na qual Lacan deixa claro que esse é um dos instrumentos dos quais ele se vale para evitar que o trabalho de cartel se funde no “caciquismo”. Por sua vez, o tempo limitado para o cartel visaria evitar o efeito de cola entre os participantes. Lacan maneja o tempo para operar sobre o real do grupo e situar o cartel entre a massa e a “república de egos”⁹.

No que toca à produção, Miller em seu texto sobre o cartel nos diz que provocar é o mesmo que causar, em que a elaboração provocada visa um produto novo, advindo da causa de cada um¹⁰. Cada um entra no cartel com seu S_1 , com suas insígnias, sem que o cartel se torne um grupo liberal no qual prevalece o “eu” ou se funde numa comunhão tácita e conformista. O cartel é um novo tipo de laço institucional, é composto por um enxame de S_1 s que têm um ponto de junção, o que possibilita suportarmos os outros e nosso próprio horror de saber. Mauricio Tarrab apresenta esse aspecto fundamental do cartel com a seguinte frase: Tu podes saber, mas não sem os outros¹¹.

Stella Jimenez descreve a operação de destituição de saber do Outro que ocorre na análise, cujo precipitado é o S_1 como insígnia, como o esgotamento do trabalho de

⁹ LACAN, J. (1964) “Ata de Fundação”. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

¹⁰ MILLER, J-A. (1994) Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada.

¹¹ TARRAB, M. (2005) En las huellas del síntoma. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2005, p. 132.

transferência, que faz surgir a transferência de trabalho¹². Esta se funda no desejo de saber que, por sua vez, é diferente do amor ao saber que tenta obturar o furo no saber, tenta apagar a falta no Outro. O desejo de saber é advertido sobre a falta no Outro, fazendo que se opere a produção de um saber-fazer com o que falta.

Sobre a composição numérica do cartel, X+1, Lacan nos diz, na “Ata de Fundação” da EFP, que os interessados em pertencer a Escola “se comprometerão de realizar uma tarefa submetida a um controle interno e externo”, e que isso será feito em pequenos grupos, porque como dirá, em outro momento, a multidão conduz à confusão. Lacan considera como pequenos grupos os que têm no mínimo 3 e no máximo 5 participantes, sendo 4 participantes a medida certa. Já em 1980, na terceira aula do Seminário 27: A dissolução, mais conhecido como D’Ecolage, Lacan dirá que no cartel trata-se da conjunção de 4 em torno do mais-um. O tema do mais-um é desenvolvido por Lacan nas Jornadas de Cartéis de 1975, quando ele próprio se situa no lugar de mais-um para provocar uma elaboração sobre o funcionamento dos cartéis e, principalmente, sobre a própria função do mais-um. Nessa ocasião, uma das questões que surgem diz respeito ao número de cartelizantes, então Lacan reafirma que o número de cartelizantes não deve ser grande, envolvendo entre 4 e 6 pessoas no total, isso contando o mais-um. Nesse momento, Lacan começa a trabalhar a configuração do cartel a partir do nó borromeano, embora indique que irá desenvolver essa orientação no Seminário 22: RSI, que está em curso. Das discussões suscitadas por Lacan, podemos extrair que o nó borromeano se faz, no mínimo, com três elos, que Daniel Sibony chama de nó quase-trivial, quer dizer, o mínimo preciso para não ser completamente trivial¹³. Devemos lembrar que essa modalidade de nó também é chamada por Lacan de nó trevo, característico da paranóia, um nó feito de um só fio que supõe uma continuidade, uma consistência¹⁴. Na paranóia não há divisão subjetiva, e sim, a unidade e o máximo de consistência do Outro. Portanto, pensando o cartel, o trivial do agrupamento seria o grupo e seu conseqüente efeito de cola, este, fruto da identificação

¹² JIMENEZ, S. (1994) “O Cartel”. In: JIMENEZ, S.(org). O Cartel: conceito, e funcionamento na Escola de Lacan. Rio de Janeiro: Campus, p. 20.

¹³ LACAN, J. (1975) Jornadas de Cartéis da EFP In: Documentos para uma Escola. Rio de Janeiro: Letra Freudiana.

¹⁴ LACAN, J. (1975-76) Le Séminaire, livre XXIII: Le Sinthome. Paris: Éditions du Seuil, 2005.

fraterna que tem em vista o pai morto. Em outras palavras, o trivial é o grupo como ideal de completude fraterna. Já a qualidade de quase-trivial desmente a unidade paranóica.

Partindo da idéia de que a composição numérica do cartel se justifica com o nó borromeano, vamos examinar o que faz nó em dois momentos privilegiados do ensino de Lacan: seus seminários RSI e O Sinthoma. No primeiro, Lacan apresenta o nó borromeano a partir de três elos interdependentes, mas que se enlaçam de tal modo que o nó se desfaz com o corte em um dos elos. No seminário O Sinthoma, Lacan introduz um quarto elo, o sinthoma, cuja propriedade é enlaçar os outros três que ganham assim, estabilidade. Nesse seminário, o nó é concebido como cadeia composta por um número indefinido de nós de três – “trança subjetiva” –, cujo ponto limite é o sinthoma¹⁵.

Podemos perguntar então: se três é o número mínimo determinado pelo nó, qual é o número máximo para se formar um cartel? Se não pode ser a multidão, qual é número máximo possível de cartelizantes para que a estrutura do cartel não se descaracterize? Finalmente, no que diz respeito ao mais-um J.-A. Miller propõe uma analogia entre o cartel e o “Banquete” de Platão, bem como entre Sócrates e o mais-um, visto que Sócrates usa seu poder agalmático para provocar a produção¹⁶. Cabe notar que Sócrates se coloca, entre seus colegas, como aquele que faz perguntas, aquele que nada sabe, ocupando o lugar de agente no discurso histórico (§). Miller considera que a configuração do discurso histórico corresponde mais adequadamente ao cartel.

Portanto, o mais-um não é regido pela lógica do todo, segundo a qual apareceria como exceção, como aquele que sabe, como (S1) em lugar de agente. O mais-um é submetido à lógica do não-todo, tem função de descompletar o todo, desfazer o efeito de grupo. Sendo assim, o mais-um funcionaria como menos-um, como falta-a-ser. O cartel é fruto da não relação sexual, da incompletude fundamental, do real que está sempre em jogo. É, assim, um tratamento do real, em que o mais-um como menos-um, é aquele que descompleta, que põe em ação a falta¹⁷. O mais-um mantém vazio o lugar do objeto para manter vivo o desejo de saber.

¹⁵ Idem, ibidem, p.73.

¹⁶ MILLER, J.-A. Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada, p.4.

¹⁷ Idem, ibidem, p. 7.

Novas configurações

Existe atualmente na ECF uma nova modalidade de cartéis, surgida ante a convocação de Jean-Pierre Deffieux para a formação de cartéis, a fim de trabalhar o tema das Jornadas anuais. Esses cartéis caracterizam-se pela delimitação a priori de um tema, pela brevidade de sua duração e pelo atendimento a uma demanda institucional, sendo por isso, nomeados de “cartéis fulgurantes”. Pierre Sidon, secretário de cartéis da ECF, pondera que esses cartéis demonstram um “novo florescimento”, uma “nova primavera”, depois do dispositivo de cartéis ter passado por um período de certo “torpor”. Ele compara a recomposição dos cartéis às novas configurações da família em nossos dias: se por um lado elas são diferentes, por outro demonstram seu vigor. Segundo o autor, são cartéis “pouco ortodoxos” que podem demonstrar, no futuro, que chegou o tempo “da recomposição e da renovação do cartel”¹⁸.

¹⁸ SIDON, P. (2006) “Le cartel recomposé”. In: Les cartels de l’École: catalogue 2006. Paris: ECF, 2006.